

## **"Voz do Povo" e "Portugal Socialista": duas visões do mundo em confronto**

**Pedro Diniz de Sousa**

O sociólogo Pierre Bourdieu identifica a luta política com uma luta quotidiana pela imposição de categorias de percepção do mundo social. Para ele, a imposição da visão legítima do mundo é decisiva para a conquista do poder.

Tomando esta perspectiva, o chamado "Processo Revolucionário Em Curso" português fundou-se numa intensa luta simbólica entre duas visões do mundo, que se combateram no seio das instituições e organizações sociais e nos meios de comunicação social. Pensamos particularmente nas chamadas "via revolucionária" e "via democrática", a primeira veiculando a visão do mundo marxista-leninista, a segunda defendendo a democracia pluralista.

A presente comunicação procura, com base num estudo já publicado em livro (Sousa, 2003), aprofundar um pouco uma análise comparada destas duas vias ("democrática" e "revolucionária") enquanto visões do mundo que se confrontaram durante o ano de 1975.

Bourdieu refere que é nos períodos de crise, caracterizados pela inversão das ordens institucionais (social, política, simbólica), que é maior o poder constituinte da linguagem e dos esquemas de percepção. Ora o PREC foi, de forma evidente, um período de crise, tal como ele é entendido por exemplo por Lucien Sfez ou Georges Balandier. Vejamos como a descrição deste último dos tempos de crise se adequa à nossa memória colectiva do PREC:

"Esses tempos são de eferescência; nada é fixado, o movimento introduz-se por todo o lado; invertendo os códigos e as convenções, a sexualidade quebra os seus entraves, a palavra liberta-se e instaura o reinado do palavreado, a violência ritualiza-se e a irreverência é a forma da agressão não-violenta. A imaginação, a criação espontânea preenchem dum excesso o vazio do poder."

Georges Balandier, *O poder em cena*, 1999.

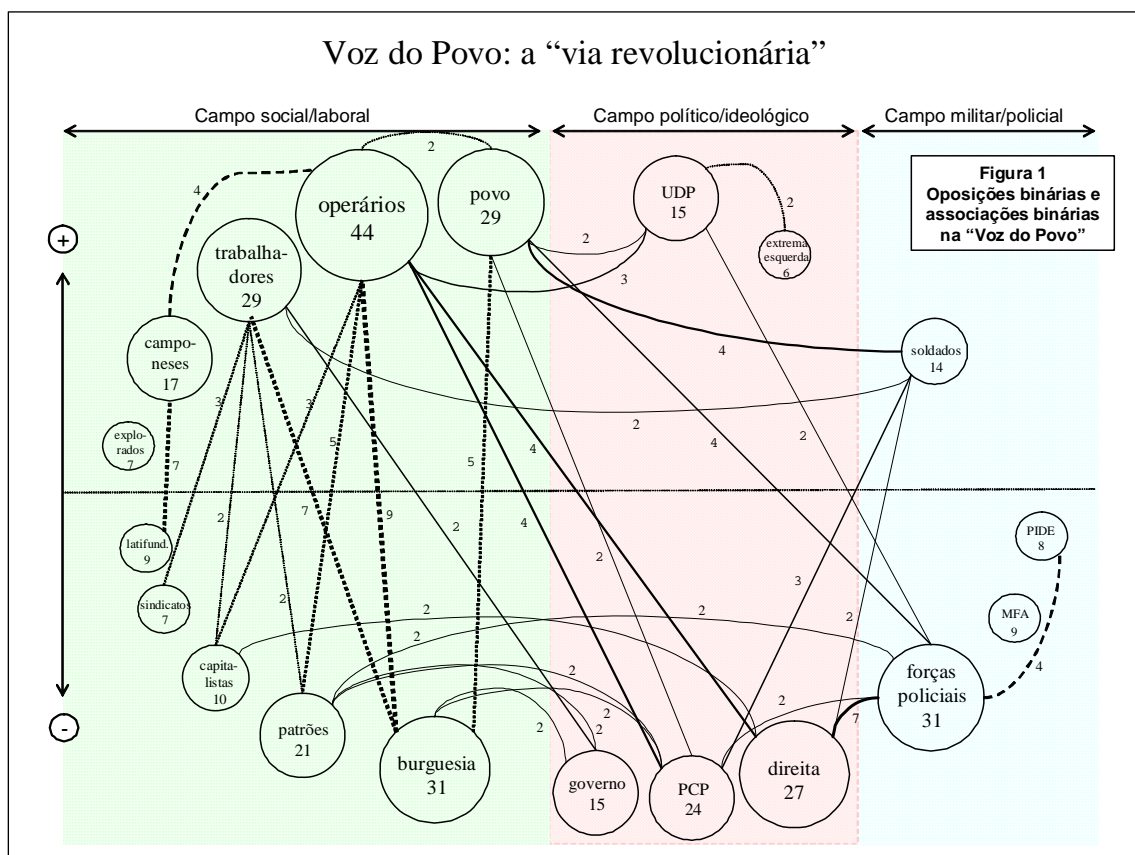
Ou seja, a confusão simbólica própria deste período, o poder constituinte da linguagem e dos esquemas de percepção, colocavam a "via revolucionária" e a "via democrática", por radical ou extraordinário que fosse o seu entendimento do mundo social, em condições de impor a sua visão no espaço das representações sociais e conseqüentemente, de disputar o poder político.

O estudo incidiu sobre a primeira fase do "PREC", entre o 11 de Março de 1975 e o "Verão Quente", a partir da análise dos jornais doutrinários "Voz do Povo", afecta à UDP e "Portugal Socialista", órgão do PS. Trata-se da fase em que a visão do mundo marxista ganha uma maior implantação na sociedade portuguesa, associada ao movimento social que põe seriamente em causa, não apenas em teoria mas na prática quotidiana, os fundamentos e as leis da sociedade capitalista. Paradoxalmente, é precisamente no epicentro deste período que a população derrota nas urnas, em 25 de Abril de 75, as vias radicais, dando a vitória ao PS e o segundo lugar ao PPD.

Procurávamos apurar se teria tido lugar uma "dramatização do discurso" por parte destes jornais e, em caso afirmativo, caracterizar essa dramatização. Partindo de categorias de análise do discurso capazes de medir o conceito de dramatização, verificámos que elas nos permitiam também reconstituir a "visão do mundo" dos dois jornais enquanto estrutura de representações.

### Conflito versus consenso

Uma das categorias baseava-se nas oposições binárias (importante atributo do drama) e nas associações binárias entre actores sociais e políticos presentes nos discursos da "Voz do Povo" e do "Portugal Socialista". A recolha exaustiva destas relações permitem-nos uma primeira e fundamental esquematização das duas visões do mundo.



A figura que vos apresentamos baseia-se em dois eixos. No eixo vertical, posicionámos, em cima, as entidades positivamente valoradas pela "Voz do Povo" e, em baixo, as negativamente valoradas.

As linhas rectas, ligando entidades positivamente valorizadas e negativamente valorizadas, representam as oposições binárias presentes no discurso. As linhas curvas ligam entidades com uma valoração igual e representam por isso associações. Todas as linhas são acompanhadas de um número que representa a quantidade de ocorrências no corpus da respectiva relação.

No eixo horizontal dispusemos os campos sociais, por categorias de pertença das respectivas entidades: o social/laboral, o político/ideológico e o militar/policial.

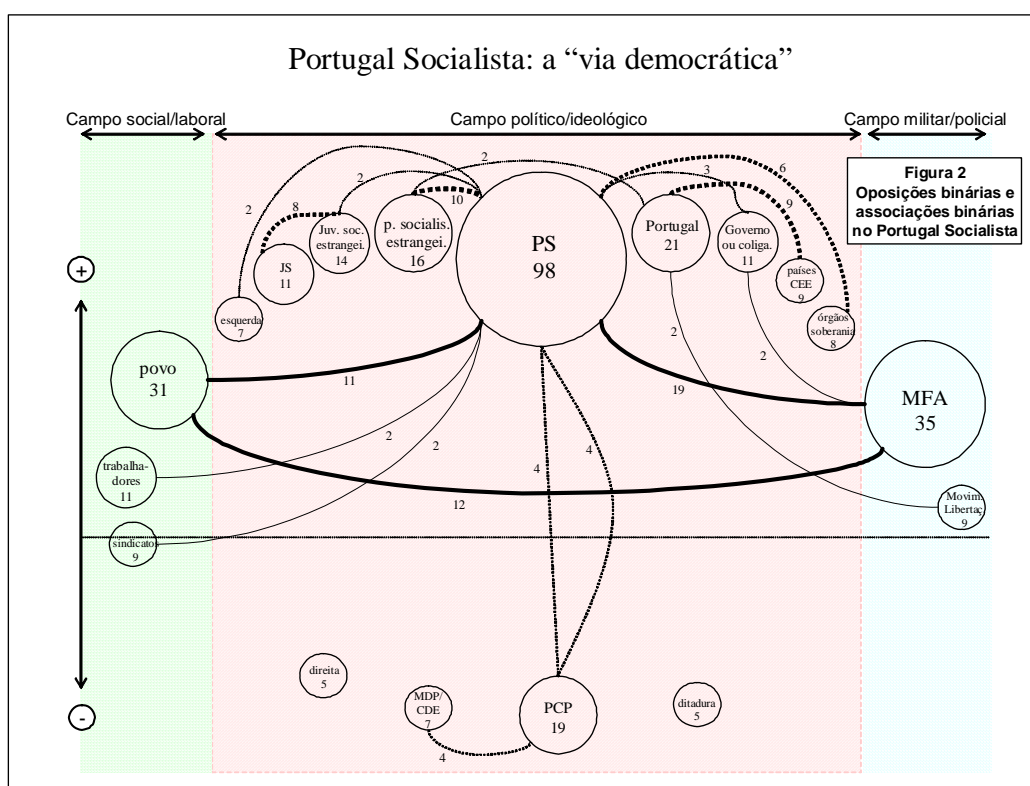
As linhas a tracejado representam associações ou oposições entre entidades do mesmo campo, enquanto as linhas a cheio representam associações ou oposições entre entidades de campos distintos.

O discurso da "Voz do Povo" centra-se nas oposições binárias, configurando uma visão do mundo quase exclusivamente conflitual.

Como podemos ver pela figura e como confirmaremos através de diversas outras categorias de análise, esta matriz conflitual significa "luta de classes". Efectivamente, o conflito aqui representado opõe fundamentalmente entidades do campo social/laboral e não entidades do campo político/ideológico. Como se pode observar, as forças que se opõem são os grupos sociais que segundo a teoria marxista servem as instituições políticas.

Nesta representação de uma "luta frontal classe contra classe", as entidades políticas, ideológicas, militares e policiais surgem como meras "entidades de suporte", não estabelecendo entre si oposições directas, estabelecendo sim relações de associação com as forças sociais que estão no centro da luta.

O vazio no canto superior direito da figura mostra a metonímia entre jornal e povo que caracteriza o discurso da "Voz do Povo". Ele – e as forças políticas que defende – identifica-se com a classe operária, os camponeses, os trabalhadores, o povo e são estas categorias sociais as únicas entidades positivamente valoradas.



O "Portugal Socialista" revela uma visão do mundo oposta: profundamente consensual, isto é, baseada em associações, algumas das quais predominantes - nomeadamente as associações PS-povo, PS-MFA e

MFA-povo - e estabelecendo como protagonistas centrais entidades do campo político e muito particularmente o PS.

A centralidade do PS na visão do mundo do "Portugal Socialista" é inquestionável, o que estava longe de acontecer com a UDP na visão do mundo da "Voz do Povo". Também rigorosamente ao contrário deste jornal, o "Portugal Socialista" não utiliza oposições binárias no seu discurso, a não ser a clássica oposição PS-PCP e, indirectamente, a oposição PS-MDP/CDE.

É uma estrutura tentacular em que praticamente todas as entidades são definidas a partir da sua relação com o PS. Aqui, é o campo político/ideológico que predomina largamente sobre o social/laboral, revelando o esforço do "Portugal Socialista" para legitimar as instituições políticas vigentes, num período – recordemos – de inversão da ordem institucional. Este esforço de legitimação prende-se com a necessidade de o partido legitimar o seu próprio poder, uma vez no Governo.

A figura permite descortinar ainda o papel legitimador que diversas entidades estrangeiras, nomeadamente europeias, assumem à época da fundação do partido.

### **Ideologização do espaço afectivo**

Uma análise do recurso aos sentimentos pelos dois jornais corrobora esta clivagem entre o conflito, projectado pela "via revolucionária", e o consenso, projectado pela "via democrática".

Ao contrário do que se possa supor à partida, face ao pendor épico e enfático da "via revolucionária" da extrema-esquerda, o discurso do "Portugal Socialista" utiliza quase três vezes mais os sentimentos do que o da "Voz do Povo".

Para compreendermos esta contradição há que entender uma outra, a saber, aquela em que o PS incorre quando, por um lado, adere à festa e aos símbolos revolucionários e ao projecto de uma sociedade sem classes e, por outro, defende intransigentemente as instituições e a ordem vigentes, e assume uma postura de consenso e convívio democrático.

A análise dos sujeitos e objectos dos sentimentos levou-nos à conclusão de que é através do apelo aos sentimentos de afeição, mais do que a argumentos racionais, que o jornal justifica a sua defesa do consenso, do convívio democrático e das instituições vigentes. Os sentimentos a que ele mais recorre são a *vontade*, a *solidariedade*, o *respeito* e a *alegria*. Através deles e de muitos outros campos semânticos que foram objecto de análise detalhada - a visão do consenso está justificada.

A "Voz do Povo", por seu lado, fiel à visão da luta de classes, utiliza todos os sentimentos que, por um lado, descrevem a subjugação das classes dominadas pelas dominantes (*medo*, *desprezo* - o medo é o sentimento mais frequente no corpus) e por outro, ilustram a situação de luta quotidiana (*revolta*, *ódio*, *solidariedade*, *vontade*, *confiança*). O espaço afectivo é mobilizado integralmente para a causa da luta de classes.

Em ambos os jornais, os sentimentos, através da relação sujeito/objecto que em todos os casos estabelecem, permitem cimentar a respectiva visão do mundo ou dar-lhe mais coesão.

## Denúncia versus anúncio

Um segundo corte essencial entre as duas visões do mundo opõe uma função de denúncia, levada a cabo pelo discurso da "Voz do Povo", a uma função de anúncio ou apresentação, levado a cabo pelo "Portugal Socialista". Através de diversas categorias de análise entendemos que a "Voz do Povo" leva a cabo uma prática sistemática de denúncias ou revelações políticas, para recuperar a terminologia de Lenine, em que o jornal parece basear-se. Denúncia pessoalizada de patrões, de adversários políticos e sindicais, sempre associados à burguesia, de ataques ao proletariado. O "Portugal Socialista", por sua vez, desenvolve uma extensa apresentação do PS, uma publicidade - no sentido de tornar público - politicamente legitimadora dos nomes que constituirão o aparelho administrativo que governará o país. O jornal assegura a centenas de membros do partido a visibilidade (por residual que seja) que para Bourdieu é indispensável à instituição de qualquer corpo social e à sobrevivência do poder.

Podemos observar com mais clareza a clivagem denúncia/anúncio em duas categorias de análise: os "rótulos de codificação" e a nomeação de pessoas.

Constatámos que os jornais aplicam regularmente às entidades sociais e políticas expressões que as codificam e "empurram" para um determinado quadro ideológico. Estas expressões, a que chamamos rótulos de codificação, simplificam pela redução da entidade a uma mera "definição-síntese" e pelo efeito metafórico que contêm, ao mesmo tempo que produzem um juízo valorativo acerca dela.

A "via revolucionária", representada pela "Voz do Povo", codifica as entidades que, fazendo parte do campo adversário ou seja, o campo da "burguesia", são susceptíveis de não ser claramente associadas a esse campo pela opinião pública ou pelas representações sociais.

Ou seja, entidades como o PCP, o MES, o MRPP, os sindicalistas, os trabalhadores pouco combativos, os encarregados, as eleições, o Parlamento ou o Governo, não são necessariamente associadas pela opinião pública ou pelas representações sociais à "burguesia", que segundo a visão do mundo marxista se opõe ao proletariado. Pois são precisamente estas as entidades que a "Voz do Povo" codifica - denunciando.

Entidades como o povo, os trabalhadores, a classe operária, a UDP e, no campo oposto, os patrões, os empresários, a burguesia ou o capitalismo, não são rotulados. Porquê? Porque não precisam de o ser. Os rótulos de codificação são para a "Voz do Povo" uma forma de corrigir a opinião pública e as representações sociais de algumas entidades e também de denunciar a pertença dessas entidades ao campo da burguesia.

Damos alguns exemplos significativos de rótulos de codificação. O PCP, a entidade mais citada no discurso do jornal e o principal inimigo táctico da UDP, sofre uma codificação que acentua o carácter falso do seu comunismo: *P"C"P, falsos comunistas, falsos amigos do povo, social-fascista nos métodos de actuação*. É também associado à figura de Álvaro Cunhal, em rótulos como *Partido Cunhalista Português, partido de Cunhal, agentes do ministro Cunhal, apaniguados de Cunhal, burguesia cunhalista, camarilha revisionista de Cunhal*.

Os sindicatos e a Intersindical são profundamente associados à ideia de traição, a partir de rótulos como *amarelos*, *lacaio da burguesia*, *traidores à classe*, *apêndices do aparelho burguês*, *direcção burguesa*, *doutores bem falantes*, que praticam a *caldeirada de classes* ou a *conciliação de classes*, isto é, a linha sindical "vertical" que inclui os quadros.

As categorias *encarregados*, *chefes*, *trabalhadores não combativos* ou *trabalhadores que colaboram com o patrão*, *técnicos* e *quadros* cabem todos no rótulo de *lacaio* (*lacaio do patrão* ou *lacaio da burguesia*).

As eleições, a Assembleia Constituinte, o Governo são todos apelidados de *burgueses*. As forças políticas situadas à direita do PS são, apenas, *fascistas*.

Há muitas outras entidades negativamente rotuladas, como pequenos partidos de esquerda, normalmente ridicularizados. Casos do MES (*filhotes revisionistas*, pela sua alegada proximidade do PCP) ou o MRPP (*grupo burguês*, *bando*, *aventureiros* e *pára-quedistas*).

O exotismo com que o nosso entendimento de hoje recebe tais rótulos e dum modo geral o discurso enfático da "Voz do Povo" mostra como o trabalho de comparação isenta dos dois jornais é difícil. De facto, o "Portugal Socialista" exhibe um discurso dotado de categorias de apropriação do real muito mais próximas daquelas que hoje usamos. A razão é simples: foi a sua visão do mundo que prevaleceu no conflito simbólico de 1974/75. O muito maior investimento feito pela "Voz do Povo" nos rótulos mostra que mesmo nesse período era necessário um grande esforço para impor socialmente a terminologia marxista.

Ao contrário da "Voz do Povo", que praticamente ignora a UDP, a codificação levada a cabo pelo "Portugal Socialista" é centrada no PS e na apresentação ou anúncio do partido e da ideologia.

As três entidades mais codificadas são a *ideologia do PS*, o próprio *PS* e a sua *linha sindical*. *Socialismo em liberdade*, *verdadeiro socialismo*, *socialismo autêntico*, *socialismo original* são as expressões com que o jornal classifica a sua linha ideológica.

Em relação ao próprio PS, o "Portugal Socialista" celebra a sua hegemonia em rótulos como *a maior organização política das massas trabalhadoras*, *grande partido da classe operária*, *o maior partido de trabalhadores*, *o porta-voz da vontade popular* ou *o motor da revolução portuguesa*.

Há nestas codificações uma assunção da festa revolucionária, um recurso aos símbolos e valores revolucionários, que parece ser tacticamente aconselhável face ao contexto de revolução social do pós-11 de Março. A contradição entre esta postura e a visão do consenso é, como vimos anteriormente, resolvida pelo "Portugal Socialista" pelo recurso aos sentimentos.

## **A nomeação de pessoas**

A nomeação de pessoas revela de forma ainda mais cabal a função de denúncia assumida pela "Voz do Povo" e a função de anúncio, pelo "Portugal Socialista", dos futuros titulares do poder, conferindo-lhes o jornal a visibilidade de que necessitam para o reconhecimento e a conformidade dos destinatários. A relação de nomeações de valoração positiva e nomeações de valoração negativa não deixa margem para dúvidas: enquanto na "Voz do Povo" as

nomeações negativamente valoradas têm uma preponderância de 5 para 1 sobre as positivamente valoradas, no "Portugal Socialista" são estas a terem uma preponderância de 5 para 1 sobre aquelas.

Cerca de 15% das nomeações da "Voz do Povo" referem-se a *elementos do PCP* e outros 15% a *patrões ou empresários*. *Elementos do anterior regime, latifundiários ou proprietários de terras, capitalistas e militares de direita* recolhem, no seu conjunto, mais 22% de nomeações.

Outro dado significativo é a clareza do "sinal" da nomeação. Em 649 nomeações, apenas 16 não valorizam claramente (num sentido positivo ou negativo) a pessoa nomeada. Trata-se aparentemente do exercício disciplinado da prática a denúncia ou revelação política, prescrita por Lenine aos propagandistas, com o objectivo de suscitar a ira de classe ou, na codificação do jornal, da *justa ira de classe*.

Algumas figuras são autenticamente diabolizadas, tal é a insistência com que são nomeadas. É o caso de Álvaro Cunhal, de longe a figura mais nomeada, com o triplo das nomeações da segunda pessoa. Galvão de Melo, Spínola e diversos empresários famosos são outras figuras destacadas no discurso.

Mas a "Voz do Povo", no corpus observado, também construiu heróis. José Diogo, um camponês que assassinou um latifundiário e aguardava julgamento, é transformado em herói da classe camponesa. Horácio dos Santos, operário vítima de uma situação extrema de exploração, é tornado referência para a sua classe. E a classe dos soldados é convidada a rever-se na coragem revolucionária do soldado Joaquim Luís, morto durante o 11 de Março no assalto ao RAL1. Estes três heróis são nomeados ao todo 30 vezes.

Refira-se finalmente que a "Voz do Povo" apresenta um número reduzido (37) de nomeações de figuras da UDP, o que se ajusta à sua visão do mundo, centrada como vimos nas classes sociais.

O "Portugal Socialista" faz um uso das nomeações diametralmente oposto. Igualando a dimensão do corpus do "Portugal Socialista" com a do corpus da "Voz do Povo", verificamos que o jornal do PS nomeia 12 vezes mais pessoas do PS do que a "Voz do Povo" nomeia pessoas da UDP.

Cerca de metade das nomeações do "Portugal Socialista" referem-se a figuras do partido. É uma extensa e detalhada apresentação do partido, levada a cabo a partir de conferências de imprensa, comícios, manifestações, reuniões do partido ou acções governamentais.

Se Álvaro Cunhal era a figura mais nomeada pela "Voz do Povo", com 61 nomeações, Mário Soares é a figura mais nomeada pelo "Portugal Socialista", com 62 nomeações. Uma coincidência notável, acompanhada de outras, como o facto de em ambos os jornais estas personalidades terem três vezes mais nomeações do que a segunda pessoa mais referida.

O "Portugal Socialista" apresenta e apoia sistematicamente Mário Soares, enquanto a "Voz do Povo" denuncia e ataca sistematicamente o líder do PCP.

É também um uso moderado das nomeações, com 404 de sinal positivo, 79 de sinal negativo e 155 (quase o dobro das de sinal negativo) de sinal indefinido, ou seja, nomeações para as quais não é detectado um julgamento positivo ou negativo do indivíduo nomeado. Muitas destas 155 ocorrências referem-se a notícias "imparciais" sobre a actividade dos governantes e dos ministérios, em mais um esforço de participação legitimadora nos rituais políticos vigentes e de

legitimação da chamada "normalidade democrática", esforço que a "Voz do Povo", de todo, não partilha.

## **Conclusão**

Outras categorias de análise do discurso dramático, como a enfatização e a vitimização, as metáforas ou a metonímia de tomar situações concretas pela sua explicação histórica corroboram a estrutura simbólica e as funções políticas de visões do mundo que se combateram nos anos posteriores ao 25 de Abril. Um partido com clara vocação de poder, confirmada nas primeiras eleições legislativas, procura domesticar o intenso conflito social e político que se vive no país, pela defesa da liberdade, do convívio democrático, das instituições políticas. Um partido revolucionário com vocação de contra-poder empreende uma luta simbólica notável para impor socialmente uma nova linguagem, a que corresponde uma visão do mundo, uma ideologia, mas também, em boa medida, a realidade social do pós-11 de Março. Fá-lo recorrendo às tácticas leninistas de propaganda e a um discurso dramático que parece eficaz, pela sua adequação a uma realidade também marcada pelo drama e a encenação.

## **Bibliografia**

- Balandier, Georges (1992, 1999), *O poder em Cena*, Coimbra, MinervaCoimbra.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1982, 1998), *O Que Falar Quer Dizer*, Lisboa, Difel.
- Lenine, Vladimir I. U. (1966), *Que Faire?*, Paris, Éditions du Seuil.
- Matos, Maria Madalena Guibentif (1992), *La Démocratie au Portugal: Analyse du Débat Politique entre 1974 et 1976*, tese para doutoramento apresentada à FSES da Universidade de Genebra (policopiado).
- Sousa, Pedro Diniz de (2003), *A dramatização na imprensa do "PREC"*, Coimbra, MinervaCoimbra.
- Sfez, Lucien (1993), *Dictionnaire Critique de la Communication*, Paris, PUF.